

TRANÇANDO LEMBRANÇA, TECENDO IDENTIDADES EM ANTES DE NASCER O MUNDO, DE MIA COUTO.¹

TRANQUANDO SOUVENIR, WEAVING IDENTITIES IN BEFORE THE BORN TO WORLD, OF MIA COUTO.

Regilane Barbosa Maceno (SEMED – Codó/MA)²

Resumo: A questão da memória tem sido bastante discutida na contemporaneidade, seu conceito foi alargado e está a serviço dos mais variados campos dos saberes, como a antropologia, a sociologia, a filosofia, a história, entre outros. Esse constante e cada vez mais necessário diálogo entre as ciências humanas busca compreender os registros das memórias que emergem da efervescência contextual experimentada pelas sociedades de modo geral, no primeiro quartel do século XX. Nesse sentido, este artigo pretende analisar como a memória é representada no romance *Antes de nascer o mundo*, de Mia Couto. Para tanto, tomar-se-á como referencial os pressupostos teóricos de Ivan Izquierdo (2002), Maurice Halbarwachs, (2006), Michael Pollak(18989), Le Goff (2003), Primo Levi (1990), Paul Ricoeur (2007) e outros que se fizerem necessários.

Palavras-chave: Literatura. Memória. Antes de nascer o mundo. Mia Couto.

Abstract: The issue of memory has been much discussed in the contemporary world, its concept has been extended and is at the service of the most varied fields of knowledge, such as anthropology, sociology, philosophy, history, among others. This constant and ever more necessary dialogue between the human sciences seeks to understand the records of the memories that emerge from the contextual effervescence experienced by societies in the first quarter of the twentieth century. In this sense, this article intends to analyze how the memory is represented in the novel *Before the world is born*, of Mia Couto. In order to do so, the theoretical assumptions of Ivan Izquierdo (2002), Maurice Halbarwachs (2006), Michael Pollak (18989), Le Goff (2003), Primo Levi (1990), Paul Ricoeur (2007) and others that may be necessary.

Keywords: Literature. Memory. Before the world was born. Mia Couto.

¹ Este artigo é um recorte da minha Dissertação de Mestrado “Um mundo ancorado em bases estáveis: memória e identidade em *Antes de nascer o mundo*, de Mia Couto”.

² Mestra em Letras pela UESPI. Professora da Secretaria Municipal de Educação de Codó-MA, Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-NEPA da Universidade Estadual do Piauí. E-mail: regilane.maceno@hotmail.com

O tempo não tem tréguas e as lembranças servem de alerta e lamento. Não é todo dia que se é lançado ao passado como uma flecha em busca de um alvo que sempre nos é obscuro...
Cuti

Introdução

A mudança faz parte da vida. Se assim não fosse, ainda estaríamos vivendo sob as mesmas condições daqueles que viveram na Idade da Pedra. É a dinâmica das sociedades, com suas metamorfoses e invenções que contribuíram para o desenvolvimento das mais variadas civilizações. Esse processo é traçado pelo viés das memórias, individuais e coletivas, responsáveis por impedirem/bloquearem o esquecimento, possibilitando a recuperação de práticas e costumes milenares que marcaram a existência do homem. É a *Mnemosine*, a divindade da memória, que impede o apagamento do passado. E na falta de um passado “real” que legitime a identidade, a imaginação e a idealização auxiliam a memória no trabalho de não deixar morrer os hábitos, as lendas, as práticas tradicionais que foram legadas pelos antepassados.

Essa postura que prega o novo/moderno como algo essencial e inevitável opõe significamente o modo de vida estável nas sociedades tradicionais, em que a tradição funciona como freio para as mudanças, à efervescência e imediatismo da vida moderna. Anthony Giddens *apud* Stuart Hall aponta diferenças entre esses comportamentos sociais:

nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes. Na sociedade moderna, (...) as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente, seu caráter. (HALL, 2006, p. 14)

O tempo é uma questão crucial para os povos africanos, vislumbrado *a priori* como constituintes de sociedades essencialmente fincadas nas tradições, como afirmam os historiadores BOUBOU HAMA; J. KI-ZERBO (1982, p. 62). De acordo com esses autores, “o tempo não é a duração capaz de dar ritmo a um destino

individual; é o ritmo respiratório da coletividade. Não se trata de um rio que corre num sentido único a partir de uma fonte conhecida até uma foz conhecida”. É a lembrança coletiva dos antepassados que vivifica a memória do povo africano e tenta salvar o passado para que, este, sirva ao presente e ao futuro. É a “veneração” do passado, para que sejam perpetuadas as experiências de gerações anteriores às novas.

Os autores ainda pontuam que a relação dos africanos com o tempo é mítica, pois é um lugar em que ele pode lutar sem cessar pela sua energia vital, “tal é a dimensão principal do ‘animismo’ africano em que o tempo é um campo fechado e o mercado no qual se confrontam ou negociam as forças que habitam o mundo”. (*idem, ibidem*). Nesse sentido, a história do continente é entendida como uma “justificação” do passado e, ao mesmo tempo a “exortação” do futuro. Nesse aspecto, a memória coletiva africana se aproxima dos mitos, das lendas que fazem o resgate do vivido que a fazem permanecer igual a si mesma, sem os aspectos da modernidade.

Mesmo em momentos diferentes e maneiras diversificadas, os países africanos experimentaram contextos semelhantes de dominação e exploração pelas potências europeias, como a história não nega. Em Moçambique a colonização portuguesa permaneceu branda por muito tempo. Por isso, as sociedades se mantiveram analfabetas e permanentes em suas práticas tradicionais, sobretudo, no que concerne à oralidade, cujo alimento é memória.

A nova conjuntura globalizante que invadiu, não apenas o Moçambique contemporâneo, mas os demais países do continente, contaminou as tradições com aspectos marcadores de uma modernidade que se faz urgente e irreversível, e trouxe quase que uma obrigatoriedade de, como afirma Gilroy (2001) “a arrancar a tradição do conformismo” em que estava pautada. Corroborando, em partes, essa afirmação, Carmem Lúcia Tindó Secco, acredita que,

a obra dos autores africanos encontram-se no cerne dos paradigmas da modernidade, fundando na literatura de seus países uma escrita descentrada, caracterizada pela reinvenção da linguagem como da arquitetura ficcional. Embora se inscrevam na esfera transgressiva da ficção contemporânea, não rompem com a tradição oral, trabalhando com a memória viva e com o imaginário mítico popular. (SECCO, 2008, p. 61).

Embora a autora, em sua *A magia das letras africanas: ensaios sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos* (2008), centralize a análise do fragmento acima nas obras de Luandino Vieira e Mia Couto, o trecho permite a ampliação dessas considerações a outros autores africanos contemporâneos que com seus escritos também contribuem para que a memória dos povos africanos não se perca ou se dissolva no esquecimento, como Paulina Chiziane, José Eduardo Agualusa, e muitos outros de igual relevância, mesmo que o imperativo da modernidade solicite isso. É, pois, através da memória, cristalizada na escrita, que a sociedade mantém vivo o seu passado, “uma cultura que perde a memória ou a dissolve não pode construir um futuro.” (*idem*, p. 46).

Destarte, a literatura africana, de modo geral, e a moçambicana, em particular, como “instância de reflexão” desenvolve mecanismos para recuperar as tradições esvaziadas, sufocadas pela dureza da colonização, reinventando, ficcionalmente, a realidade, problematizando e refletindo as questões sociais tão caras aos sujeitos pós-modernos/ pós-coloniais.

Em *Antes de nascer o mundo*, a relação dos personagens com a memória é fio condutor usado por Mia Couto para tecer as tramas do romance. Mwanito, o narrador-personagem, conta-nos o que ocorreu no espaço de Jerusalém. Ao narrar, ele busca na memória os acontecimentos mais marcantes, reconstruindo não apenas os fatos de sua existência, mas também os da “humanidade” a que pertence, metaforizando, ele próprio a massa moçambicana em choque com o novo que se anuncia sem anuência, como vemos no trecho:

Os safanões de Ntunzi me despertaram em alvoroço. Cruzávamos uma primeira vila. Foi então que vi, maravilhado, as ruas cobertas de gente. E foi uma embriaguez de tudo. A azáfama urbana, os carros, os reclames, os vendedores de rua, as bicicletas, os meninos como eu. (...) Chegámos sem que se percebesse onde terminara o mundo rural. Não havia fronteira clara. Apenas uma transição de intensidade, um caos que se adensou: nada mais que isso. (COUTO, 2009, p. 219).

A partir das memórias individuais dos personagens que desfilam na narrativa – Silvestre Vitalício, Ntunzi, Zacaria Kalash e Mwanito – Mia Couto reconstrói hábitos, costumes, atitudes, dados de uma coletividade que é moçambicana,

mostrando o entrelaçamento entre o individual e o grupal na construção de novas relações com o mundo moderno, no estabelecimento de novos percursos e, sobretudo, na (re) construção de identidades.

No embate entre o lembrar e o esquecer que alicerça a história romanceada, identidades são forjadas e destruídas em movimento pendular, oscilando entre um passado de mágicas tradições e um presente em que “tudo que é sólido desmancha no ar”. Como afirma Bhabha (2003, p. 226), é “através da sintaxe do esquecer ou ser obrigado a esquecer que a identificação problemática de um povo nacional se torna visível”. E é esse o panorama traçado por Mia Couto em *Antes de nascer o mundo*, que através das histórias individuais de cada personagem, engendra um universo ficcional que retrata a vida dos moçambicanos, os quais entendem que para mudar a situação do país é necessário viver uma nova vida, algo *antes* do que se vive.

Silvestre Vitalício, o patriarca do grupo, é um exemplo do moçambicano que luta para manter suas raízes, mesmo mostrando comportamentos contraditórios em relação à fidelidade às tradições, como no fato de não “proteger” os filhos, dando-lhes os nomes dos antepassados na cerimônia de rebatismo. Mesmo assim, ele repulsa o novo e tudo o que representa. E no isolamento no qual se exilou, na tentativa de resgatar a essência da tradição, ele inventa memórias e histórias que possam satisfazer sua necessidade de recuperar um Moçambique que seja enquadrado como primitivo, em sua gênese. Mas, vem o desencanto de Silvestre Vitalício, quando este percebe que a mudança é inevitável, ou necessária, conforme Gilroy (2001), já citado. Vejamos no fragmento que segue:

Toda a paisagem em redor lhe doía, aleijava-o a cidade inteira, a miséria das ruas magoava-o mais que a contaminação do sangue.
- Você viu como o luxo escandaloso se encosta na miséria?
- Sim – menti. (COUTO, 2009, p. 224).

Após ser mordido por uma víbora, num episódio que confunde o leitor, deixando-o ligeiramente embriagado de encantamento, Silvestre Vitalício entrega-se às memórias do passado recente, de guerra, do suicídio da esposa Dordalma que, como o veneno da víbora “passa através dos olhos”. Ele, que “varreu os lugares,

afastou os vivos”, apagou, por vários momentos até mesmo os antepassados, sucumbiu ao irremediável sopro da mudança.

Aproximado e Zacaria foram buscar o meu velho pai. Ainda acreditei que ele reagisse, em pronta negação. Mas não. Silvestre veio, com passado de menino e obediência de serviçal, instalou-se no lugar da frente e ali se ajeitou para partilhar o assento com a portuguesa. (COUTO, 2009, p. 217).

Outro personagem que ilustra bem o choque entre a modernidade e a tradição africanas é Tio Aproximado/ Orlando Macara, mesmo que, contraditoriamente, tenha agido em favor da manutenção da tradição em alguns momentos da narrativa, advogando em prol do prolongamento dos antepassados nos nomes dados aos sobrinhos no ritual de rebatismo, já que a questão do nome tem especial importância para a cultura africana por demarcar destinos, como eles acreditam. Esse personagem denuncia o lado negativo do que a modernidade traz em seu bojo. Totalmente integrado aos novos ventos do ocidente, ele não mede esforços para auferir recompensas materiais para si, deixando-se corromper pelo individualismo e imediatismo característicos da modernidade, chegando ao extremo de querer expulsar os parentes da própria casa para ficar com o imóvel: “- Eu que dito as regras, sobrinho. Você vai pedir dispensa do quartel, vem à cidade e leva-me daqui esses dois inúteis...” (COUTO, 2009, p. 265).

Para os estudiosos da história africana, a entrada do continente no universo do lucro e da acumulação monetária provocou uma reviravolta na concepção do tempo para os africanos, transformando os sentidos individual e grupal que,

pela assimilação dos esquemas mentais em vigor nos países influenciam os africanos econômica e culturalmente. Descobrem então que, em geral, é o dinheiro que faz a história. O homem africano, tão próximo de sua história que tinha a impressão de forjá-la ele próprio em suas microssociedades, enfrenta agora, ao mesmo tempo, o risco de uma gigantesca alienação e oportunidade de ser co-autor do progresso global. (HAMA; KI-ZERBO, 1982, p. 71).

Corroborando as informações dos historiadores citados, Appiah (1997, 174) assinala que “a alienação é considerada como estado característico do homem moderno: pode-se exagerar a ênfase nessa colocação, mas é impossível negá-la”.

Esse processo é marcado pela tentativa incessante dos seres humanos em tornar-se senhores da memória e do esquecimento, como pontua Le Goff (2003).

Tio Aproximado/Orlando Macara é apresentado como o “homem novo” cujas memórias foram esvaziadas, vive, agora, unicamente o momento presente, não produzindo mais lembranças de sua gênese que se constitui a condição necessária para a consciência e o conhecimento de si, dos seus, como assinala Candau (2012). Assim, ele chega a ponto de “privatizar” as terras de Jerusalém, a fim de ganhar dinheiro, como vemos no trecho que segue:

- Lembra o meu camião, durante a guerra? Pois o aparelho de estado é o meu camião de hoje.
A vaidade o levou a que, num domingo, estendesse no chão da sala um mapa da coutada e nos convocasse a mim, meu pai e Noci:
- Está a ver o seu Jerusalém, meu caro Silvestrão? Pois, agora, é tudo propriedade privada, e sou eu que estou privando dela, está a entender? (COUTO, 2009, p. 258).

Tio Aproximado/Orlando Macara retrata de forma contundente a crise da identidade porque passa o homem pós-moderno/pós-colonial moçambicano, em que o *modus vivendi* não é mais apreendido apenas com os antepassados, mas também influenciado por fatores advindo dos mais diferentes e distantes lugares.

Assim como Tio Aproximado, outros personagens ficcionais são usados por Mia Couto para discutir a questão do choque cultural que metaforiza o Moçambique contemporâneo, tais como Últímio, de *Um rio chamado tempo, uma casa chamada*, Estêvão Jonas, de *O último voo do flamingo*, e muitos outros. Personagens que representam moçambicanos assimilados, afetados profundamente pelo impacto que os eventos produzidos em escala global causam em âmbito local cujo elemento tradicional já não atende às necessidades pessoais, como vemos no excerto que nos localiza na cena de espancamento de Ntunzi, que fica como morto:

O rio era a última cura. Eu e o militar transportámos Ntunzi no carrinho de mão, as pernas bamboleantes pareciam já terem falecido. Zacaria mergulhou o corpo inerte de meu pobre irmão nas águas, fazendo-o emergir e submergir sete vezes na corrente. Aconteceu, contudo, que Ntunzi não melhorou, nem as febres deixaram de queimar seu definhado corpo. Perante o previsível desfecho, Tio Aproximado quis levar o menino para um hospital da cidade. (COUTO, 2009, p. 49).

Como podemos inferir do trecho acima, as superstições e crenças, caracterizadoras das comunidades tradicionais, não atendem mais as necessidades dos indivíduos, e principalmente, eles mesmo já não creem nelas. Isso é evidenciado na voz do próprio narrador quando diz “perante o previsível desfecho”, ou seja, o moçambicano contemporâneo tem se afastado cada vez mais do passado ancestral.

Destarte, a memória se torna essencial na concepção e manutenção da identidade, bem como tem a função de preservar a experiência histórica de valores e tradições acumuladas ao longo do tempo. Lembrar o passado é um elemento essencial na conformação da identidade, sem memória não existiria referência ou experiência, mas e quando a memória é muito dolorosa, indesejada?

A memória indesejada: repositório de traumas

Ouvir e valorizar as vozes dos excluídos, dos silenciados, tem sido uma constante na atualidade. Ao permitir que esses indivíduos deixassem de ser afônicos, esse novo cenário, ocasionado, sobretudo, pelo surgimento dos estudos culturais, promoveu uma abertura profunda nos discursos outrora estanques no hegemonismo, que possibilitou um novo olhar vindo do subterrâneo, do entre-lugar, cujos emissores são aqueles que sempre margearam a história oficial. Essas vozes lançaram luz sobre o modo como esses indivíduos percebem e questionam os eventos de que foram vítimas e cujas consequências ainda se fazem presentes nos “rastros resíduos” da memória.

Dentro desse novo espaço delineado, sobretudo nas últimas décadas do século XX, os estudos da memória e os traumas que muitas vezes a compõe também passaram por uma intensificação. Mesmo sem deixar de lado o indivíduo, esses estudos debruçaram-se sobre a memória de traumas que são coletivos, uma vez que se criou um consenso de que a memória “ultrapassa o plano individual” e que “nenhuma lembrança pode existir aparatada da sociedade”, como os teóricos supracitados discutem.

Esse interesse pelos traumas coletivos foi impulsionado pela constatação de que as marcas das experiências individuais, inclusive de violência, traduzem uma

memória traumática do corpo coletivo, principalmente considerando a realidade das populações que passaram pelo processo massacrante da colonização, como Moçambique, por exemplo, e concordando que a memória se constrói a partir da interação social.

Michael Pollak (1989), no texto *Memória, Esquecimento, Silêncio*, discute a questão da memória traumática. Embora ele dedique seu estudo às memórias do Holocausto, seu texto nos serve na análise de *Antes de nascer o mundo*, dado o contexto de guerra representado na narrativa, em que as experiências de alguns personagens se encaixam no “indizível” de que fala o autor.

A memória traumática decorre de situações de violência extrema a que o sujeito foi submetido, que o deixa paralisado e incapaz de recompor a situação vivida. Desse fato resulta um bloqueio, às vezes mantido intencionalmente, que causa a desumanização do homem em relação a si e aos outros, ou seja, o sujeito que carrega o trauma torna-se indiferente em relação ao sofrimento do outro, como por exemplo, alguns personagens do romance em análise.

Países que passaram séculos afogados em uma ideologia opressora, como fora a colonização, que assistiu seus cidadãos serem reduzidos a subcategorias humanas, lidar com a memória coletiva traumática é uma constante. No caso de Moçambique, cujo domínio colonial é consideravelmente recente, é compreensível a dificuldade de rememorar o passado. No país foram criados muitos mecanismos, cada vez mais degradantes, de controle social. De acordo José Luís Cabaço,

até 1960 existia um toque de recolher obrigatório para os negros em Moçambique. Depois das 21h qualquer indivíduo africano que circulasse pelas ruas era parados pelos policiais e tinha de provar sua condição de assimilado ou justificar sua situação. Bastava que apresentasse um bilhete manuscrito do ‘patrão’ e os policiais acreditassem, pela boa redação do mesmo, para que não fosse detido. (CABAÇO, 2009, p. 46).

Rememorar esse passado cuja história, impossível de ser modificada, não dispensa a discriminação, a violência e o preconceito, é um drama para muitos moçambicanos. Conviver com as sequelas advindas dessa situação, os escombros que rasteiam as guerras que assolaram o Moçambique contemporâneo requer de suas homens condições singulares em termos de funcionamento psíquico.

Em *Rashomon* (1950), um dos personagens assegura que “- É humano mentir. É por ser fraco que os homens mentem. O homem só quer esquecer as coisas ruins e lembrar as coisas boas”. Para os moçambicanos, a realidade da colonização é massacrante, por isso, é preciso criar memórias, inventariar história, criar um mundo *antes* desse. Esse fato torna a fronteira entre a lembrança e a mentira, consideravelmente tênue. A memória subterrânea do país é doída, triste, pesada demais para suportar. Por isso, acredita Ricoeur (2007, p. 11), “a passagem silenciosa da mentira para o autoengano é útil”.

É, pois, fundamental a reconstrução dessas memórias para que não sejam esquecidas. Couto traz essas lembranças doídas em suas obras como lembrete igualmente doloroso do passado moçambicano. De acordo com Maria Nazareth Soares Fonseca,

registrar e arquivar o passado ou retornar os seus vestígios como motivação para a construção literária tornar-se um procedimento indispensável para se formarem depósitos de recordação com a utilização de outros suportes que se fazem à revelia de museus, arquivos e exposição. A literatura, atenta aos rituais de memória que persistem em lugares ainda distantes dos circuitos lançados pela mundialização pode, sem dúvida, ajudar a produzir outros sentidos para os ‘lugares de memórias’. (FONSECA, 2008, p. 75).

Nesse esteio, para pensar o processo de (re)construção ou refletir sobre as memórias difíceis, a literatura parece ser um veículo privilegiado, sobretudo, porque as memórias presas no silêncio, aqui, podem romper os escudos protetores que o sujeito cria contra o medo e o sofrimento que determinada lembrança provoca, fazendo-o ouvir e reviver seu passado para poder superar a experiência traumática, para “fazer as pazes” com ele.

No que se refere ao romance *Antes de nascer o mundo*, a temática da memória traumática e a dificuldade de lidar com ela apresenta-se como um halo em toda obra. Nesse aspecto, também, há a questão da tentativa que já mencionamos, pois os personagens tentam controlar e dominar todo um relicário que os acompanham quer queiram, como Ntunzi, quer não queiram, como os angustiados Silvestre Vitalício e Zacaria Kalash, ou apenas com sede de lembrar, como o narrador-personagem, Mwanito. Cada personagem tenta apoderar-se do ato de memória, porém nenhum deles consegue êxito, pois não escolhemos o que lembrar

e/ou esquecer, quando lembrar e/ou esquecer, não dominamos os pensamentos, as lembranças, a memória.

Seguindo o pensamento de Halbwachs (2006), recordar lembranças não depende de nós ou dependem muito pouco e sobre ela exercemos apenas uma influência bem pequena, como ilustra o trecho que segue em que Silvestre Vitalício é flagrado cantarolando.

Estou a gostar de ouvir, cunhado.

(...) Meu pai se assustou ainda mais envergonhado por ter sido flagranteado em exercícios de cantorias passadas.

- Me saiu, assim, sem querer.

- Tantas vezes me recordo do coral da igreja, você era o maestro, Silvestre, você fazia aquilo tão bem...

- Vou lhe confessar uma coisa, cunhado. Não há coisa de que tenha mais saudade.

Mais que as pessoas, mais que os amores e os amigos. Era ausência da música que lhe custava mais. No meio da noite, disse, entre os lençóis e cobertores ele trauteava em surdina. Lhe surgiam, então, as restantes vozes. (COUTO, 2009, p. 181-182).

Tanto Silvestre Vitalício como Zacaria Kalash querem fazer do esquecimento sua morada. Para tanto, fazem inúmeras manobras para conseguir tal feito, inclusive, abdicando de suas identidades no ritual de rebatismo em que ambos, anteriormente Mateus Ventura e Ernestinho Sobra, assumem as alcunhas pelas quais atendem. Os dois personagens têm memórias dolorosas que causam muito sofrimento e a melhor solução para ambos seria “emigrar do tempo de todas as guerras”. (COUTO, 2009, p. 93).

Por outro lado, têm-se Ntunzi e Mwanito, cujo desejo maior era lembrar. Os dois tiveram suas identidades saqueadas. Com isso, perderam o laço que nos une ao passado: a memória. Ao contrário de Vitalício e Zacaria que fazem de tudo para esquecer, Ntunzi e Mwanito fazem de tudo para lembrar. O primeiro cria e encena situações, as mais diversas, para tentar construir uma memória de que já não dispõe; lembranças falsas que se constitui em alimento para sua alma, “sem o falso alimento das lembranças, ele azedou, cheio de fel”. (COUTO, 2009, p. 59). O segundo acredita piamente nas histórias inventadas pelo irmão mais velho na tentativa de ter acesso a uma memória que lhe foi apagada, embora tendo sido

(re)construída pelas mentiras e pedaços de memória escapados da fala de Silvestre Vitalício.

É consenso que não somos ou seremos sem termos sido, ou seja, vivemos um presente vazio com um futuro incerto se não dispomos do passado. Entretanto, alguns eventos sociais se constituem em traumas incomensuráveis, tanto para o indivíduo como para a coletividade na qual se está inserido, como o Holocausto, a escravidão, as ditaduras, etc. Direta ou indiretamente, o sujeito da contemporaneidade está numa encruzilhada de circunstâncias que podem potencializar traumas irreversíveis, muitas das quais não consegue afastar-se.

Na história romanceada em *Antes de nascer mundo*, o problema com a memória ou a ausência dela é uma constante. Entretanto, a título de exemplo da memória traumática, temos o personagem Zacaria Kalash, que tendo vivenciado três guerras, a última delas ainda em andamento, não guarda recordação desses conflitos.

Ernestinho Sobra, agora nomeado Zacaria Kalash atravessara mortes e tiroteios. Escapara de toda a recordação. Pelas perfurações do corpo lhe tinham fugido as lembranças.

- nunca fui bom de lembrar, sou assim de nascença. (COUTO, 2009, p. 86).

Sobrevivente de guerras, no plural mesmo, atravessando “mortes e tiroteio”, como militar, por tradição, Zacaria Kalash criou um bloqueio dessas experiências traumáticas que um contexto como o que ele viveu suscita. Nem mesmo a realidade concreta de ter alojadas no corpo as balas dos tiros que levou o faz reconstituir a lembrança vivida. Esses projéteis aparecem na obra como um emblema do horror absoluto da história guardado na memória nacional, um lembrete desconfortável de um passado que é melhor ser esquecido.

No conto *Lembranças das lições*, de Luiz Cuti, do qual retiramos a epígrafe que abre esse trabalho, os personagens centrais da trama, um narrador-personagem e Neguinho Joel, acessam a memória traumática da escravidão, dos açoites, dos sofrimentos do povo negro. Mesmo as narrativas acontecendo em contextos e tempos diferentes, a dificuldade de lidar com a memória dolorosa dos personagens do conto e de Zacaria Kalash os aproxima. Assim como as balas

alojadas no corpo de Zacaria funcionam como lembrete incômodo das guerras que travaram Moçambique, as marcas das fivelas no rosto de Joel também traduz muito mais do que uma surra na infância, revela a carga da descendência de Ca descrita no livro de Gênesis, pois, como discute Appiah (1997, p. 32), “o destino atua sobre as pessoas por causa de sua ascendência quando sua linhagem é amaldiçoada”.

Em *Antes de nascer o mundo*, o narrador nos informa que Zacaria Kalash, além do trauma por ter combatido na guerra, carrega o peso da tradição familiar que “sempre lutara do lado errado”. O avô lutou na guerra contra Gungunhama, o pai alistou-se na polícia colonial e ele mesmo combatera ao lado dos portugueses na luta de libertação nacional, sendo que nesse momento da narrativa, Moçambique está imerso em uma outra guerra, a Civil.

As memórias são vivências armazenadas no formato de lembranças. Essas são adquiridas via convívio em sociedade. Para o personagem em foco, as memórias subterrâneas, na concepção de Pollak, são vivificadas ou chamadas ao consciente em pequenos extratos, lapsos que fazem seu raciocínio apresentar-se como que em suspense entre um passado de guerra e um presente no qual o esquecimento é a válvula de escape.

Zacaria Kalash não se recordava da guerra. Mas a guerra lembrava-se dele. E martirizava-o com a reedição de traumas. Quando tropeja ele saía para o descampado, tresloucado, aos berros:

- Filhos da puta, filhos da puta!

(...) – Ele fica assim por causa do estrondo do trovão – explicava Silvestre. Era isso que o alvoroçava: a lembrança dos rebentamentos. O ribombar das nuvens não era um roído: era o reabrir de antigas feridas. As balas esquecemos, as guerras não. (COUTO, 2009, p. 88).

Zacaria Kalash era constantemente martirizado com a nitidez de imagens, mesmo que recortadas, da situação que viveu e que, na obra, pode ser entendida como uma realidade que pertence a coletividade nacional moçambicana. A sonoridade dos trovões provocava um abalo na zona de conforto do escudo que o personagem criou. Ele é aterrorizado pela lembrança dos tiros trazido pelas batalhas de que fora testemunha. Isso, segundo Pimo Levi, porque

(...) a recordação de um trauma, sofrido ou infligido, é também traumática, porque evoca-la – dói ou pelo menos perturba: quem foi ferido tende a cancelar a recordação para não renovar a dor; quem feriu expulsa a recordação até as camadas profundas para dela se livrar, para atenuar seu sentimento de culpa. (LEVI, 1990, p. 10).

As vivências dos indivíduos acabam sendo incorporadas ao seu acervo pessoal de lembranças, uma vez que, como afirma Izquierdo (2012), a memória afeta nosso aprendizado, desde os mais simples até os mais complexos. Por isso, não podemos perder o contato com ela, sob pena de nos tornarmos vazios. Zacaria Kalash apresenta dificuldade em acessar fragmentos desses eventos que estão em sua memória subterrânea. Isso o impede de falar, narrar seus dramas, deixando um vácuo no discurso e nos relatos dos fatos. Essa dificuldade de falar do que passou e os artifícios que o personagem utiliza para fugir do assunto doloroso são atestados pelo narrador Mwanito:

(...) O que ele queria era contar história de caça, falar sem conversar, escutar-se a si mesmo para deixar de ouvir seus fantasmas. Mas nós reclamávamos por outros motivos de conversação.
- Fale-nos do nosso passado.
- Minha vida é casa de toupeira: quatro buracos, quatro almas. (COUTO, 2009, p. 85).

Vemos pelo fragmento que é bem mais fácil para Zacaria Kalash falar de caças ou outras amenidades do que rememorar fatos que doem na alma. Ao nos determos um pouco mais nesse personagem, podemos perceber também o quão difícil é para os africanos, de modo geral, e os moçambicanos, em particular, “viver entre memórias e esquecimentos de guerras”, principalmente por terem vivido, antes da invasão e exploração do continente, uma realidade em que nem mesmo conheciam termos que gravitam o campo semântico bélico, como comprova o narrador no trecho abaixo:

O homem acariciava o jaquetão militar que sempre envergava. Os dedos ganhavam sono sobre o cano da espingarda. Só depois ele falava: não é a farda que compõe o militar. É a jura. Que ele não era daqueles que por medo da vida, se alistara em exército. Ser militar foi, como dizia ele, decorrência da corrente. Na sua língua materna nem havia palavra para dizer soldado. Dizia-se ‘massodja’, termo roubado do inglês. (COUTO, 2009, p. 85-86).

A realidade em que agora os moçambicanos estavam imersos era tão distante de antes que, na língua falada por eles, não havia um nome que equivalesse a soldado. Esse fato mostra, de acordo com Rita Chaves (2005), como o peso das relações construídas a partir do contato com europeus deixaram marcas, como vimos, muitas vezes traumática, que ainda repercutem no presente.

Na medida em que é reconstruída a memória traumática individual de Zacaria Kalash, é reconstruído também o passado do próprio país que se quer presente, lembrado. É nesse presente que se precisa preservar o passado para restabelecer as identidades esfaceladas, para superar o trauma coletivo. Portanto, é exigido de cada um dos personagens de *Antes de nascer o mundo* que enfrente suas memórias, seus “fantasmas”, pois, somente assim, em paz com elas, poderão viver uma nova vida, um novo tempo que se concretizará *depois* deste, que se faz casmurro e carrasco.

Referências

APPIAH, Kwame Antony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia de cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo na memória: ensaio de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CABAÇO, José Luís. **Moçambique: identidade, colonialismo e libertação**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários**. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; Cury, Maria Zilda Ferreira. **Mia Couto: espaços ficcionais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

GILROY, Paul. **O atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro; DP& A, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: **História Geral da África I: Metodologia e Pré-História da África**. Ed. Joseph Ki-Zerbo. São Paulo: Ática, 1982, p. 129-156.

HAMA, Boubou; KI-ZERBO, J. Lugar da História na sociedade In: **História Geral da África I: Metodologia e Pré-História da África**. Ed. Joseph Ki-Zerbo. São Paulo: Ática, 1982, p. 129-156.

IZQUIERDO, Iván. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão [et al]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LEVI, Primo. A memória da ofensa. In: **Os afogados e os sobreviventes**. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. **A magia das letras africanas**. Rio de Janeiro: ABE, 2003.